

A Noção de Sequência Textual na Análise de Dois Artigos de Opinião Finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro

The Notion of Textual Sequence of Two Finalists Opinion Articles of the Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro

Viviane Geribone¹

Universidade Federal do Rio Grande do sul

Resumo: Este artigo examina as atitudes comunicativas predominantes em dois artigos de opinião finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLP). As análises desenvolvidas consideram o que é apresentado no Caderno Pontos de Vista da OLP (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2014) em relação aos critérios de avaliação para o gênero: marcas de autoria; tema; adequação linguística e discursiva; e convenções de escrita. Atentou-se para a elaboração e para a manutenção da questão polêmica nos artigos de opinião. Além disso, por se considerar que a sequência textual dominante pode determinar a coesão e a coerência de um texto, observou-se a presença e/ou a ausência de elementos tipológicos que caracterizam uma sequência argumentativa (ADAM, 2019). No primeiro texto em análise, é possível notar uma questão polêmica explícita, estimulando um embate entre referentes (GARCIA, 2011) e garantindo a efetiva resolução do problema de comunicação. Já no segundo texto analisado, no qual é possível notar certo predomínio de elementos tipológicos da sequência explicativa (ADAM, 2019), não há uma questão polêmica bem esboçada, situação que traz consequências discursivas ao texto, comprometendo o propósito comunicativo. Considerando essa análise, é possível apontar o quanto produtivas podem ser, especialmente no contexto da OLP, atividades de reescrita de texto, cujo foco seja a explicitação da questão polêmica; visto que, como uma *bússola*, a questão polêmica – diferentemente do *fato polêmico* – aponta caminhos eficazes para a construção da argumentação, guiando o/a leitor/a na participação do jogo argumentativo.

Palavras-chave: sequência textual; questão polêmica; artigo de opinião; OLP.

Abstract: This paper explores the prevailing communicative attitudes from two finalists opinion articles of the Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLP). The analysis is developed by consider what the Caderno Pontos de Vista da OLP (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2014) brings up in relation to the evaluation criteria for this genre: impressions of authorship; theme; linguistics and discursive adequacy; and writing conventions. The development and to the maintenance of the polemic questions in the opinion articles were observed. Furthermore, considering that the dominant textual sequence can set cohesion and coherence of a text, it observed the presence or lack of typological elements categorizing an argumentative sequence (ADAM, 2019). In the first text analyzed, it is noticeable an explicit polemic question that stimulates intense debates between referents (GARCIA, 2011) and ensures the effective resolution of the communication problem. In the second text analyzed, in which is noticeable certain prevailing typological elements of the explanatory sequence (ADAM, 2019), there isn't a well outlined polemic question, what brings discursive consequences to the text, compromising its communicative purpose. Based on this analysis, it is possible to raise how much the activities of text rewriting can be productive, specially in the OLP context, where the focus is the explicitation of the polemic question; since the polemic question – differing from *polemic fact* – rises effective ways to the argumentative development, and, like a *compass*, it leads the reader

¹ Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: vigeribone@gmail.com

in the argumentative game participation.

Keywords: textual sequence; polemic question; opinion article; OLP.

Submetido em 5 de novembro de 2021.

Aprovado em 4 de agosto de 2022.

Introdução

O presente artigo foi elaborado com o intuito de examinar as atitudes comunicativas predominantes em dois artigos de opinião finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*². Desse modo, nas análises, atentei à elaboração e à manutenção da questão polêmica nos artigos de opinião. Além disso, considerando que a sequência textual dominante pode determinar a coesão e a coerência de um texto, auxiliando, por exemplo, no encaminhamento de tarefas de reescrita, observei a presença e/ou a ausência de elementos tipológicos que caracterizam uma sequência argumentativa (ADAM, 2019).

Nesse sentido, como professora pesquisadora, ao observar os referidos textos, interessa-me mobilizar estratégias de educação linguística, que possibilitem efetivamente o desenvolvimento consciente e sistemático de competências comunicativas, de maneira geral, e de habilidades de produção textual escrita, de maneira particular. Assim, é possível antecipar o quanto produtivas podem ser, especialmente no contexto da OLP, atividades de reescrita de texto, cujo foco seja a explicitação da questão polêmica; visto que, como uma *bússola*, a questão polêmica – diferentemente do *fato polêmico* – aponta caminhos eficazes para a construção da argumentação, guiando o/a leitor/a na participação do jogo argumentativo. Ou seja, pode ser bastante produtivo construir uma relação mais direta entre as necessidades discursivas de um texto argumentativo – *a elaboração e a presença de uma questão polêmica, por exemplo* – e as organizações linguístico-formais que garantirão a explicitação dessa questão – *a saber, algumas macroproposições da sequência argumentativa*.

² Criado em 2002, o Programa *Escrevendo o Futuro* é uma iniciativa da Fundação Itaú Social, com coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – o Cenpec –, e tem como objetivo contribuir para a melhoria do ensino da leitura e da produção textual nas escolas públicas de todo o Brasil. Em 2008, o Programa se transformou em política pública por meio da parceria com o Ministério da Educação, desenvolvendo ações de formação para educadores/as por meio de materiais orientadores, cursos presenciais e a distância, ambiente virtual de aprendizagem, além de oferecer recursos didáticos para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. De 2008 até 2016, nos anos pares, e em 2019, todo esse trabalho resultou na realização da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, um concurso que premia as melhores produções dos/as estudantes de escolas públicas do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Logo, na elaboração do presente artigo, foi necessário partir de um breve levantamento teórico sobre as noções de sequências, gêneros do discurso e gêneros de texto para Jean-Michel Adam; além de apresentar, em linhas gerais, as sequências explicativa e argumentativa, pois as análises realizadas encaminharam reflexões relacionadas às características dessas duas sequências. Em função da seleção dos textos analisados, também apresento algumas informações sobre o Caderno Pontos de Vista da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, a fim de destacar as especificidades do referido contexto. A essas seções seguem-se as subseções de análise, nas quais trato das atitudes comunicativas presentes em cada um dos dois artigos de opinião finalistas da OLP. Por fim, concluo com algumas considerações sobre o que foi desenvolvido ao longo deste artigo.

1. Sobre as Noções de Sequências, Gêneros do Discurso e Gêneros de Texto para Jean-Michel Adam

Em seus estudos, Jean-Michel Adam vem relacionando os quadros teóricos da Linguística Textual e da Análise do Discurso Francesa, indicando o texto como um objeto circundado e determinado pelo discurso. Logo, ao partir das práticas discursivas, o autor delimita o campo da Linguística Textual como o responsável pelo estudo do modo como os mecanismos de textualização se constituem e se caracterizam. Nesse sentido, a sequência textual seria um desses mecanismos, vista como

uma estrutura relacional pré-formatada que se sobrepõe às unidades sintáticas estritas (frases) e às amplas (períodos), é um ‘esquema de texto’ situado entre a estruturação frástica e periódica microtextual das proposições e a macrotextual, dos planos de texto. As sequências são estruturas pré-formatadas de reagrupamentos tipificados e ordenados em blocos de proposições. (ADAM, 2019, p. 22)

A sequência textual pode ser observada, também, como

um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros. O fato de ser linguisticamente estável é que possibilita sua determinação (...), embora ela [a sequência textual] também ocorra de modo heterogêneo nas realizações textuais. (BONINI, 2005, p. 208)

Por essa perspectiva, fica bastante claro que as sequências textuais se configuram como unidades linguístico-textuais básicas – ou prototípicas – que fazem parte da constituição dos gêneros, contribuindo para se identificar que um artigo de opinião, por exemplo, estrutura-se com a predominância da forma argumentativa. Em outras palavras,

as sequências são formas linguísticas organizadas que constituem a estrutura composicional de um gênero, sendo, por isso, mais estáveis e menos suscetíveis a alterações por influência de fatores sociais.

No entanto, “os esquemas prototípicos não dão conta, evidentemente, em si mesmos, de todos os aspectos da compreensão e da produção de textos” (ADAM, 2019, p. 23). Nesse ponto, o autor salienta que todos os tipos de conhecimento – conhecimentos pragmáticos, conhecimentos de mundos representados, etc. – são acionados nas operações que envolvem textos. Isso quer dizer que o conhecimento desses esquemas prototípicos apenas auxilia leitores/as e produtores/as de texto no que tange à adoção de um conjunto de estratégias de resolução de problemas. Portanto, seria a imersão em variadas práticas discursivas – orais e escritas – que proporcionaria aos/as ouvintes, leitores/as e produtores/as de texto a aquisição e o desenvolvimento de tais sequências.

Nessa perspectiva, para desenvolver a sua teorização acerca das sequências textuais, Adam lança mão de algumas escolhas teóricas e terminológicas. Primeiro, o autor define que texto “é o traço languageiro de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala” (ADAM, 2019, p. 33). Logo, a narração, a descrição, a argumentação, a explicação e o diálogo seriam as formas que determinado comportamento discursivo poderia apresentar. Segundo, os gêneros – organizados em sistemas de gêneros – seriam “padrões sociocomunicativos e sócio-históricos que os grupos sociais compõem para organizar as formas da língua em discurso” (Idem). E, terceiro, se há um texto – uma série verbal ou verbo-icônica configurada em uma unidade de comunicação –, “há um efeito de *genericidade*, isto é, uma inscrição dessa série de enunciados em uma classe de discurso” (Idem). A partir de suas escolhas, então, Adam deixa bastante claro que não há textos sem gênero/s, chamando a atenção, inclusive, para o fato de que “é pelo sistema de gênero de uma dada formação sócio-histórica que a textualidade alcança a discursividade” (Idem).

Nesse sentido, as considerações sobre a relação entre estruturação linguístico-textual e interação sociodiscursiva, podem ser organizadas, de acordo com Adam (2019), a partir da complementaridade das categorias de classificação de realizações textuais e discursivas, a saber: i) os (protó)tipos de sequências, que se limitam a cinco categorias examinadas pelo autor: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal; ii) os gêneros do discurso, que são categorias fundadas em práticas e formações sociodiscursivas, ou seja, Adam faz distinção entre gêneros do discurso jornalístico,

gêneros do discurso religioso, gêneros do discurso literário, gêneros do discurso filosófico, do discurso político, do discurso militar, do discurso publicitário, do discurso médico, do discurso acadêmico, das instituições escolares etc.; e iii) os gêneros de texto, que atravessam as duas primeiras categorias e permitem distinguir, sobre bases linguísticas, os gêneros da narração, como a fábula, o conto etc.; os gêneros da descrição, como o retrato, a descrição de movimento, a paisagem, a lista de compras etc.; os gêneros da argumentação, como ensaio, discurso político, programa eleitoral etc.; os gêneros da explicação, como contos etiológicos etc.; os gêneros do diálogo como conversa espontânea, diálogo romanesco, diálogo teatral, entrevista etc.; e, ainda, os gêneros de incitação à ação e de conselho.

Assim, podemos considerar que, embora haja uma enorme diversidade de textos ao nosso redor, eles sempre serão classificados e associados a formas preexistentes, elaboradas a partir de regularidades observadas, reelaboradas e memorizadas. Quando Adam (2019) nos apresenta os cinco protótipos de sequência textual, ele nos oferece uma sistematização dessas formas, tratando, de um lado, dos esquemas sequenciais – no nível textual – e, de outro lado, dos sistemas de gêneros – no nível discursivo. É, então, desse modo que os esquemas sequenciais e os gêneros discursivos são, cada um em seu próprio nível e em suas diferenças, padrões úteis ao reconhecimento específico e global de textos.

Logo, se os textos analisados neste artigo foram produzidos com o propósito de argumentar sobre determinada questão polêmica, envolvendo o lugar onde vivem³ os/as estudantes-autores/as, como o tópico discursivo e seus objetivos discursivos devem se materializar no texto? Para responder a essa questão, foi necessário examinar as atitudes comunicativas predominantes nos textos em análise. Esse exercício mostrou diferenças consideráveis no processo de textualização de dois artigos de opinião, sugerindo, inclusive, que o trabalho pedagógico com as sequências textuais pode colaborar, em boa medida, para orientar os/as estudantes-autores/as nos modos como tramar seus textos.

³ Desde a sua primeira edição, em 2008, a OLP desenvolve suas propostas de escrita, para todos os gêneros envolvidos (*poema, memórias literárias, crônica, documentário e artigo de opinião*), a partir do tema “*O lugar onde vivo*”. Sobre essa escolha, Conceição Evaristo, escritora homenageada na 6ª Edição, comenta: “A Olimpíada tem um tema fundamental que é o reconhecimento do primeiro lugar de pertença; é o reconhecimento do lugar de nascimento, de vivência, das experiências do cotidiano de cada pessoa envolvida. E pensar mesmo que o mundo começa a partir do nosso lugar de vivência e, na medida em que a gente tem a compreensão de que é o nosso lugar de vivência, também se torna muito mais fácil você dialogar e compreender o lugar de vivência do outro”. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/formacao/pergunte-a-olimpia/225/uma-prosa-sobre-o-tema-o-lugar-onde-vivo>. Acesso: 26/04/2021.

Nas duas seções seguintes, apresentarei definições gerais sobre as propriedades constitutivas de dois protótipos – *da sequência explicativa e da sequência argumentativa* –, com o propósito de contrastá-los na seção analítica, quando examinarei as atitudes comunicativas predominantes em dois artigos de opinião finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Dessa forma, espero movimentar reflexões que auxiliem no âmbito da análise linguística, considerando, fundamentalmente, que a situação de comunicação determina as escolhas linguístico-discursivas que vão sendo feitas na produção de textos.

1.1 A sequência explicativa

Segundo Bonini (2005, p. 223), “a explicação costuma ser chamada também de exposição. Adam, no entanto, não acredita que haja uma sequência expositiva”. Nessa perspectiva, os casos considerados como exposição poderiam ser revistos, na maioria das vezes, como uma sequência descritiva ou, em outras, como uma sequência explicativa. O que definiria a explicação seria, então, o seu propósito de elaborar uma imagem clara de uma ideia. Para tanto, o/a produtor/a de texto precisaria responder a questão *Por quê?* ou *Como?*, apresentando quadros parciais da significação da ideia em questão. Além disso, para as reflexões que se pretendem movimentar neste artigo, é importante destacar que a sequência explicativa também se diferencia da argumentativa, “pois não visa modificar uma crença (visão de mundo), mas transformar uma convicção (estado de conhecimento)” (BONINI, 2015, p. 224).

Figura 1. Esquema típico da sequência explicativa

Sequência explicativa prototípica		
0.	Macroproposição explicativa 0	Esquematisação inicial
1. Por que X? (ou Como?)	Macroproposição explicativa 1	Problema (pergunta)
2.	Macroproposição explicativa 2	Explicação (resposta)
3.	Macroproposição explicativa 3	Ratificação-avaliação

Fonte: Adam, 2019, p. 193.

Sobre o esquema da sequência explicativa [Figura 1], Adam desenvolve que:

O primeiro operador [POR QUE] introduz a primeira macroproposição (MP.expl.1), o segundo [PORQUE] traz a segunda macroproposição (MP.expl.2); há, geralmente, uma terceira macroproposição (MP.expl.3), que pode ser apagada (efeito de elipse), e

o conjunto é, frequentemente, precedido de uma descrição que corresponde a uma esquematização inicial (MP.expl.0) destinada a trazer o objeto problemático que tematiza a primeira macroproposição. (2019, p. 193)

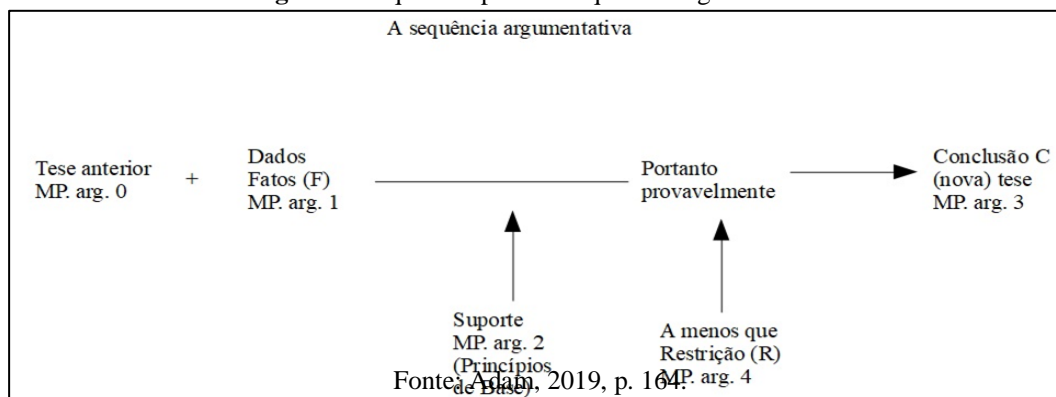
Portanto, poderíamos sintetizar o esquema da sequência explicativa considerando uma parte inicial para a introdução da explicação e outros três movimentos, a saber: 1. Levantar um questionamento – *o problema*; 2. Responder o questionamento – *a explicação ou resposta*; e 3. Sumarizar a resposta, avaliando o problema – *a conclusão-avaliação ou ratificação-avaliação*. Na seção 3, ao examinar as atitudes comunicativas presentes em dois artigos de opinião finalistas da OLP, pretendo exemplificar a sequência explicativa ao longo da análise do texto 2.

1.2 A sequência argumentativa

Ao iniciar a exposição sobre sequência argumentativa, Adam apresenta algumas considerações acerca da atividade de argumentar, a saber:

Não se deve confundir a unidade composicional que denomino com o termo sequência argumentativa com a argumentação em geral. (...) De um ponto de vista geral, a argumentação poderia muito bem ser definida como uma quarta ou sétima função da linguagem depois das funções emotivo-expressiva, conativo-impressiva e referencial, de Karl Bühler, ou ainda metalinguística, fática e poético-autotélica, de Roman Jakobson. Quando se fala, faz-se alusão a um “mundo” (apresentado como “real” ou “fictício”), constrói-se uma representação: é a função descritiva da língua; mas procura-se também fazer partilhar com um interlocutor ou com um auditório essa representação, procura-se provocar ou fazer crescer sua adesão às teses que se apresentam a seu consentimento. (ADAM, 2019, p. 145)

Logo, o exercício de argumentar pode ser entendido como a construção, por um/a falante, de um discurso que objetiva modificar a visão de outro/a participante da interação sobre determinado objeto, alterando, conseqüentemente, seu discurso. A argumentação consiste, desse modo, na contraposição de enunciados, sustentada por operadores argumentativos. Conforme Bonini (2005, p. 221), “estes operadores são palavras que têm a função de opor um enunciado que está sendo proferido a um já dito, denominado *topos*”. Assim, podemos considerar que a sequência argumentativa se configura, segundo Adam (2019), em três partes: os dados (argumentos), os princípios de base e a conclusão, sendo implícita a segunda parte. O esquema se completa por uma tese anterior, a informação que está sendo contestada, e uma restrição.

Figura 2. Esquema típico da sequência argumentativa

Com essa sequência argumentativa prototípica completa [Figura 2], Adam pretende um espaço para a contra-argumentação em dois pontos da estrutura: nas macroproposições argumentativas MP.arg.0 e MP.arg.4. Esse esquema de base se sustenta explicitamente sobre uma tese anterior, em casos particulares de refutação. O autor ainda reitera que o esquema prototípico “não fixa uma ordem linear imutável de macroproposições: a (nova) tese (MP.arg.3) pode ser formulada logo de início e ser retomada ou não por uma conclusão que a duplique no final da sequência, a tese anterior (MP.arg.0) pode ser subentendida” (ADAM, 2019, p. 164). Ainda é possível considerar que a sequência argumentativa comporta dois níveis, dependendo da organização das macroproposições, selecionada pelo/a produtor/a de texto, conforme sua intenção discursiva. A saber:

- Justificativo (MP.arg.1 + MP.arg.2 + MP.arg.3): neste nível, a consideração do interlocutor é baixa. A estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos relatados.
- Dialógico ou contra-argumentativo (MP.arg.0 + MP.arg.4): neste nível, a argumentação é negociada com um contra-argumento (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa a uma transformação de conhecimentos. (ADAM, 2019, p. 164)

Até aqui, foi possível notar que Adam (2019) compreende os gêneros como componentes da interação social e as sequências como esquemas prototípicos em interação dentro de um gênero. Nesse sentido, as sequências são organizações linguístico-formais, representadas por uma sucessão organizadora de proposições, realizáveis no

interior dos gêneros, mediante as necessidades discursivas. Nesse sentido, cabe-nos perguntar sobre a relação entre essas organizações linguístico-formais e as necessidades discursivas de um texto argumentativo, desenvolvido a partir de uma questão polêmica, como é o caso dos artigos de opinião produzidos no contexto da OLP. Por isso, o interesse em examinar as atitudes comunicativas predominantes em dois artigos de opinião finalistas, observando a elaboração e a manutenção da questão polêmica – entendida como uma necessidade discursiva –, articulada com elementos tipológicos – ou seja, as organizações linguístico-formais – que podem caracterizar uma sequência argumentativa.

Assim, para dar continuidade às reflexões pretendidas neste artigo, será necessário apresentar breves considerações sobre o Caderno *Pontos de Vista*, material orientador das atividades da OLP. Dessa forma, será possível conhecer o modo como a argumentação é apresentada e trabalhada por professores/as e estudantes envolvidos/as com essa proposta.

2. Sobre o Caderno Pontos de Vista da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*

O Caderno Pontos de Vista, entendido como orientação para o trabalho do/a professor/a, propõe uma metodologia de ensino para a produção de textos pela perspectiva de gênero. Apresenta uma sequência didática (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) que aborda os conteúdos de Língua Portuguesa, previstos nos currículos escolares, favorecendo o desenvolvimento de competências de leitura e produção textual (BRASIL, 1998; 2018).

Conforme consta na apresentação do caderno, as atividades propostas concretizam os princípios metodológicos adotados pelo Programa, viabilizando o trabalho em sala de aula, pois, para que os/as estudantes dos vários cantos do Brasil produzam textos de qualidade, é fundamental a formação e a atuação dos/as professores/as, além do apoio e envolvimento da direção da escola, dos pais e mães e da comunidade.

Além disso, a equipe responsável pela elaboração desse material de apoio ressalta que a Olimpíada não está em busca de talentos; o Programa tem o firme propósito de contribuir para a melhoria da produção textual de todos/as os/as estudantes. O importante é que eles/as cheguem ao final da sequência didática tendo aprendido a se comunicar com competência no gênero estudado. Isso contribuirá para que se tornem cidadãos/ãs mais bem preparados/as, visando à participação nas diferentes esferas comunicativas.

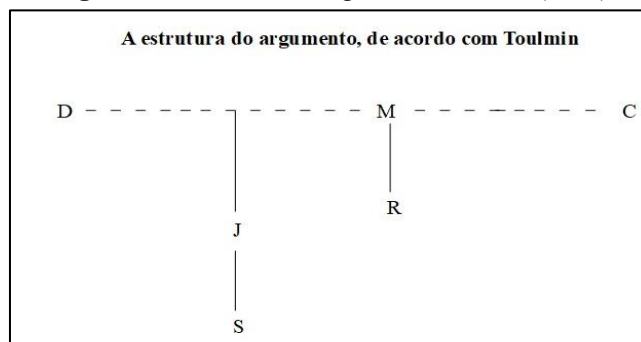
2.1 Como a argumentação é apresentada pela OLP?

A partir das orientações oferecidas pelo Caderno Pontos de Vista, tanto na versão impressa quanto na digital, disponível no Portal *Escrevendo o Futuro*, no contexto da Olimpíada, “argumentar é uma ação verbal na qual se utiliza a palavra oral ou escrita para defender uma tese, ou seja, uma opinião, uma posição, um ponto de vista particular a respeito de determinado fato” (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2014, p. 38). Dessa forma, aquele/a que argumenta deverá se valer de razões, verdades, fatos, virtudes e valores amplamente reconhecidos – os argumentos – a fim de que funcionem como alicerce para a tese defendida.

Considerado como um/a participante de um jogo, aquele/a que argumenta faz suas ‘jogadas’ para se sair vencedor/a: entre outras atividades discursivas, afirma, nega, contesta, explica, promete, profetiza, critica, dá exemplos, ironiza; movimentando, assim, todas essas jogadas em busca da adesão do público às posições defendidas. Ou seja, a cada ‘lance’ do jogo argumentativo, o/a produtor/a do texto deve se esforçar para comprovar que sua tese é a certa; caso contrário, perderá credibilidade e será ‘vencido/a’ pelos/as seus/as interlocutores/as.

Uma etapa fundamental do jogo argumentativo é a elaboração de uma questão polêmica, responsável pelo embate entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. A questão polêmica, na Olimpíada, é o elemento capaz de motivar a escrita do artigo de opinião, pois ela envolve, obrigatoriamente, um assunto de interesse público, ou seja, “uma demanda em que ao menos uma determinada comunidade esteja envolvida, e diferentes soluções ou respostas, cada uma das quais reunindo posições favoráveis e contrárias” (Idem, p. 57). Desse modo, trata-se de estabelecer – e sempre por meio do debate – qual dessas posições deverá ser assumida pela comunidade afetada.

Para trabalhar o esquema argumentativo e a organização textual de um artigo de opinião, a equipe da OLP toma como base o esquema desenvolvido pelo filósofo britânico Stephen Toulmin (2001) para descrever os componentes de uma argumentação e explicar as relações que se estabelecem entre eles [Figura 3].

Figura 3. A estrutura do argumento Toulmin (2001)

Fonte: Rangel; Gagliardi; Amaral, 2014, p. 83.

Para o autor, a estrutura do argumento deve se desenvolver a partir de um conjunto de *Dados* (D) – fatos, indícios, informações – que levará a uma *Conclusão* (C) – a tese na qual o/a argumentador/a deseja chegar. Alcançar determinada tese só será possível a partir de um conjunto de *Justificativas* (J) – os argumentos propriamente ditos – reunidas e analisadas com o objetivo de sustentar a posição assumida. Nesse esquema argumentativo, ainda há o *Suporte* (S), um conjunto de informações complementares que funcionam como um reforço para as justificativas; o *Modalizador* (M), palavra ou expressão por meio da qual o/a argumentador/a manifesta determinada atitude em relação à conclusão proposta e que, espera, seja aceita pelo/a leitor/a; e a *Refutação* (R), uma espécie de contradição que poderia ser feita ao raciocínio do/a argumentador/a, porém ela somente é citada com o objetivo de mostrar como e por que ela não procede. Assim, a refutação funciona como um recado ao/à adversário/a. Os *Dados*, a *Conclusão* e a *Justificativa* compõem o núcleo de uma argumentação bem-sucedida. Já o *Suporte* para os dados ou justificativas, o *Modalizador* e a *Refutação* se agregam à argumentação com o objetivo de lhe dar mais consistência ou eficácia, considerando, evidentemente, um auditório específico.

Desse modo, a equipe da Olimpíada destaca que,

para escrever um artigo de opinião é preciso, antes de tudo, ter uma tese muito clara para defender diante de uma questão polêmica. Afinal, toda a organização textual do artigo, assim como sua consistência, estará subordinada à defesa dessa tese. (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2014, p. 102)

Logo, para escrever um bom artigo de opinião, é indispensável utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados, pois são mais fortes e convincentes. O/a autor/a do

artigo precisa informar aos/às leitores/as quais as razões que o/a levaram a adotar determinada posição, evitando motivos superficiais ou sem justificativa. Ou seja, o/a articulista precisa definir seus argumentos de acordo com o tema escolhido e, portanto, também de acordo com seu público.

Ao trabalhar com os artigos de opinião, a equipe da OLP e os/as professores/as de todo o Brasil podem proporcionar aos/às estudantes uma oportunidade diferenciada de participação na vida pública, visto que, a partir das oficinas, são desenvolvidas competências como observar o lugar onde vivem, identificar uma questão polêmica relevante sobre a qual não existe consenso, tomar conhecimento do que já foi dito a respeito dela, pesquisar fontes de informação, reconhecer e usar diferentes tipos de argumento para defender o seu ponto de vista. Nessa perspectiva, essas orientações evidenciam que o artigo de opinião não opera pela simples formulação de ideias, mas pela fundamentação e negociação de posições. Em outras palavras, “no jogo argumentativo, a questão polêmica precisa estar claramente formulada, e sua discussão deve estar amparada em argumentos consistentes, que defendam determinado ponto de vista” (GARCIA, 2011, p. 49).

A fim de analisar como esse jogo argumentativo é construído pelos/as estudantes em seus artigos de opinião e em que medida certos elementos linguísticos podem encaminhar a construção da argumentação, passo às análises globais de dois textos, atentando para a elaboração e manutenção da questão polêmica. Além disso, observo a presença e/ou ausência de alguns elementos tipológicos que podem caracterizar uma sequência argumentativa.

3. Sobre as Atitudes Comunicativas presentes em Dois Artigos de Opinião Finalistas da OLP

Para orientar esta seção, percorri um caminho de análise a partir do que é apresentado no Caderno Pontos de Vista da OLP em relação aos critérios de avaliação para o gênero artigo de opinião. Para tanto, considere em minha leitura *as marcas de autoria, o tema, a adequação linguística e discursiva e as convenções de escrita*. Desse modo, no texto 1, “*Metrópole do Futuro*”: *estamos preparados?*, do estudante Diego Sousa Guimarães, um dos finalistas de 2012, é possível notar uma questão polêmica explícita, estimulando um embate entre a percepção da realidade por parte do estudante-autor e a apresentação de seus argumentos contrários a essa realidade. Já no texto 2,

Gêmeos: milagre, manipulação ou genética?, da estudante Débora Wappler, uma das finalistas de 2014, não temos uma questão polêmica bem esboçada, o que traz algumas consequências discursivas ao texto. A seguir, passo ao detalhamento dessas análises, entrecruzando questão polêmica e alguns elementos tipológicos que podem garantir – ou não – a caracterização de uma sequência argumentativa; considerando a possibilidade de uma relação produtiva, no processo de aprendizagem de produção de texto escrito, entre as necessidades discursivas e as organizações linguístico-formais de um texto argumentativo no contexto da OLP.

3.1 Quando o embate entre o *certo* e o *duvidoso* configura a necessidade discursiva de um texto

Quadro 1. Texto 1 – Finalista de 2012

<p>“Metrópole do Futuro”: estamos preparados? <i>Aluno: Diego Sousa Guimarães</i></p>	
1	<p>Há algum tempo, a revista <i>Veja</i> publicou uma matéria sobre <i>(p)</i> <u>a cidade de Mossoró, rotulando-a como “Metrópole do Futuro”</u>, fazendo com que os administradores municipais da cidade enchessem o peito de orgulho, estampando a notícia em outdoors e na mídia local. Mas será que Mossoró, a cidade do primeiro voto feminino do Brasil (Celina Guimarães), da resistência (a Lampião) e da abolição da escravatura (antes da Lei Áurea), está se preparando para assumir seu futuro encargo de metrópole? E os cidadãos, estão preparados? <i>(r)</i> <u>Antes de tudo, temos que ponderar (a’) fatores decisivos para que possamos afirmar, com clareza, que a cidade está preparada.</u></p>
2	<p>Estima-se que a cidade tenha cerca de 259.000 habitantes, segundo dados do IBGE, e uma grande parcela desses habitantes sofre com a falta de recursos na área de infraestrutura. Áreas da economia, saúde, educação, habitação, transporte e segurança vêm apresentando melhorias, mas (a1) <u>esses serviços não são bem aceitáveis, pois não permitem o desenvolvimento necessário.</u> Sem dúvida, a cidade precisa trabalhar nesses termos clichês, porém importantes, para poder começar a pensar em dar o próximo passo para o crescimento.</p>
3	<p>Além disso, temos termos não tão comentados ou discutidos, mas que são imprescindíveis para o desenvolvimento da estrutura da cidade, como, por exemplo, (a2) <u>a escassa mão de obra qualificada que tem preocupado várias empresas e centros comerciais.</u></p>
4	<p>“Isso mostra que estamos no caminho certo: investindo em educação, infraestrutura, industrialização, saneamento básico; enfim, em todos os setores vitais para o crescimento de Mossoró”, afirmou a atual prefeita, Fafá Rosado, após a veiculação da notícia na revista <i>Veja</i>. Mas o que transparece é que (a3) <u>a educação é menos priorizada que a estética da cidade.</u> Enquanto o orçamento de “Paisagismo e Arborização” da cidade ultrapassou os R\$ 699.000,00, em meados de junho de 2011, a verba liberada para empregar na “Qualificação para o Trabalho e Emprego” não passou de míseros R\$ 58.813,87, segundo o Portal da Transparência do Município (www.blogcarlossantos.com).</p>
5	<p>(a4) <u>Sem mão de obra qualificada, não poderemos atender às necessidades de um grande centro de transição comercial,</u> pois, ao ligar-se com outras cidades, seja fisicamente ou como fluxo de pessoas e</p>

6	serviços, o comércio em Mossoró aumentará. Para que se tenha o desenvolvimento necessário, é preciso que a população escolha bem os governantes de sua cidade.
7	<p>Estamos na época das eleições, das promessas e de decisões importantes. Como cidadão, digo com toda a certeza que (a5) há falta de interesse de nossos governantes em relação ao crescimento e que estes estão mais preocupados em manter aparências do que fazer acontecer.</p>
8	<p>(a6) A população também tem sua parcela de culpa, pois se acomoda, não vai atrás de seus direitos e se sujeita a trocar seu maior poder na sociedade, o voto, por coisas simples. Eles deveriam lembrar que são quatro anos de “embolsamento” de verba pública, dinheiro que poderia ser empregado principalmente na educação, na qualificação de mão de obra e na área de ciência e tecnologia, que ainda é muito ausente nos institutos de ensino.</p>
9	<p>Outro ponto importante a ser discutido, além da educação, é (a7) a segurança e o transporte público, que em muitos locais da cidade chegam a ter vergonhosa carência de atenção e investimento da administração do município. Em um aglomerado urbano como uma metrópole, em que o trânsito aumenta anualmente em grandes níveis, é essencial a alta circulação de ônibus, a construção de vias para ciclistas e o reparo de estradas danificadas. Afinal, como ocorrerá o escoamento de riquezas? É preciso melhorar. O policiamento está longe de ser pelo menos regular, pois se concentra apenas na parte central da cidade, deixando bairros e assentamentos sem assistência imediata.</p>
10	<p>Mossoró está, com toda a certeza, crescendo em ritmo acelerado, principalmente na região noroeste, onde a construção de imóveis se desenvolve rapidamente. Com o crescimento imobiliário, há, conseqüentemente, o crescimento da população e da necessidade de uma melhor infraestrutura, e de mais investimento e atenção aos mossoroenses.</p>
10	<p>Portanto, do meu ponto de vista, (c) <u>Mossoró não está se preparando, nem mostrando preocupação em dar passos largos; na verdade, ela está engatinhando rumo ao futuro.</u> A cidade está crescendo, <u>mas</u> a assistência aos habitantes parece ter parado no tempo. Mossoró será sem dúvida uma metrópole, <u>mas</u> há de se trabalhar e investir muito para que as necessidades que uma metrópole venha a ter sejam atendidas. Dinheiro não falta. O que falta é interesse tanto dos cidadãos, em participar ativamente, quanto dos governantes. Se Mossoró continuar como está, a Metrópole do Futuro se tornará um grande fracasso.</p>
	<p style="text-align: right;">Professora: Sara Paula de Lima Morais Silva Escola: E. E. E. F. M. Aída Ramalho Cortez Pereira – Mossoró (RN)</p>

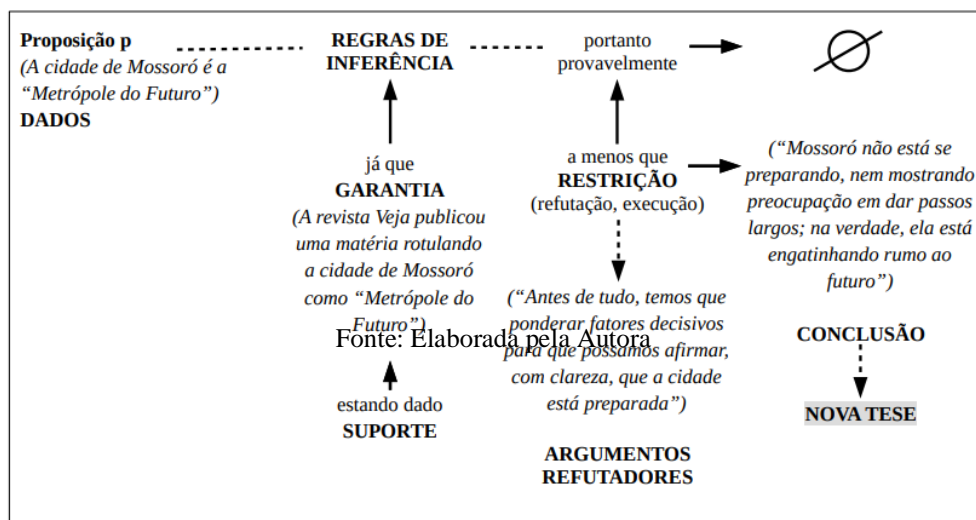
Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9768/textos-finalistas-2012-completo.pdf>, com análise elaborada pela autora.

Já no título do texto 1 – “*Metrópole do Futuro*”: *estamos preparados?* – é possível anteciparmos uma polêmica instaurada pelo estudante-autor. Ao caracterizar sua cidade como “*Metrópole do Futuro*”, denotando significados de grandeza e desenvolvimento, o autor questiona se os habitantes estão preparados para esse contexto. Além disso, a interrogação desencadeia possíveis perspectivas sobre o texto que serão confirmadas ou não ao longo da leitura.

Pensando em termos de organização linguístico-formal, podemos dizer que, de um modo geral, uma sequência textual é formada por um determinado número de macroproposições compostas de uma ou mais proposições elementares. Resta-nos, então,

observar como tais proposições se configuram na ampla diversidade de textos que nos rodeia. No caso do texto 1, é possível notar que ele se estrutura a partir de uma proposição geral (*p*), que precisa ser confirmada ou refutada de acordo com o propósito comunicativo do estudante-autor. O movimento argumentativo do referido texto [Figura 4] nos mostra o exercício da argumentação como uma contraposição de enunciados, já que o estudante elabora a sua questão polêmica com base em um já dito, propondo, a partir da seleção de argumentos refutadores, uma conclusão contrária à proposição (*p*). Ou seja, há uma restrição, garantida pelos argumentos refutadores, que acaba rompendo a probabilidade de uma conclusão confirmativa em relação à proposição geral (*p*) e, desse modo, criando uma nova tese na conclusão.

Figura 4. Visualização do movimento argumentativo, inspirado em Adam (1992, p. 106).



Ao fazer uma análise global do texto, é possível notar que, no primeiro parágrafo, o estudante-autor contextualiza o *lugar onde vive* de forma conectada a um fato e suas consequências. Os elementos selecionados para caracterizar a cidade de Mossoró constroem uma ideia de cidade à frente de seu tempo e, condizentes com a publicação da revista *Veja*, encaminham com precisão a explicitação da questão polêmica. No final desse parágrafo, o estudante-autor demonstra cautela – “*Antes de tudo*” –, encaminhando alguns (*a'*) fatores que precisam ser ponderados a fim de que se responda à pergunta-título. Tais fatores são compreendidos aqui como uma série de argumentos refutadores.

No segundo parágrafo, eis o ponto de partida: (*a1*) os habitantes de Mossoró sofrem com problemas de infraestrutura e, apesar de estarem apresentando melhorias, alguns serviços ainda não são “*satisfatórios*”. Essa contextualização já encaminha o/a

leitor/a à interpretação de que, talvez, a cidade não esteja tão bem preparada para o futuro, conforme indaga o título do texto. Vale ressaltar que a questão polêmica – *Mossoró (e seus habitantes) está preparada para ser uma ‘metrópole’?* – é de relevância social e se vincula a aspectos que afetam a realidade local. É importante destacar que há imprecisão vocabular na utilização de “*aceitáveis*”, “*termos clichês*”, “*termos*”, “*ligar-se (...)* *fisicamente*”, “*coisas*”, “*embolsamento*” e “*ausente*”. Uma seleção lexical mais específica acrescentaria densidade ao texto, incrementando a tomada de posição do estudante-autor.

No quarto parágrafo, o estudante-autor incorpora ao texto uma afirmação positiva – “*estamos no caminho certo*” – feita pela prefeita de sua cidade para, logo em seguida, contradizê-la, apresentando argumentos que levam o/a leitor/a a perceber algumas contradições. Os investimentos não estão sendo feitos nos setores mais importantes para a sociedade; os governantes, mais preocupados com a aparência, não têm demonstrado muito interesse em relação ao crescimento da cidade; a população também tem sua parcela de culpa em função de sua postura passiva perante os administradores municipais; também há os problemas em relação à segurança e ao transporte público.

Esses são os argumentos (*a'*) arrolados pelo estudante-autor que, após elencá-los, é capaz de elaborar, no último parágrafo, a *resposta* definitiva para a pergunta apresentada no título, ou seja, sua tese, sua opinião, sua posição, seu ponto de vista particular a respeito da reportagem vinculada à revista *Veja: Mossoró não está preparada para crescer, para se tornar uma metrópole; “na verdade, ela está engatinhando rumo ao futuro”*. Inclusive há muita força argumentativa no contraste entre “*dar passos largos*” – o esperado, o desejado para uma metrópole bem desenvolvida – e “*engatinhando*” – a realidade de uma cidade ainda em desenvolvimento, como um bebê que ainda não sabe caminhar.

No último parágrafo do texto, o estudante-autor explicita a sua tese, elaborada a partir da seleção de argumentos que refutam o posicionamento apresentado pela prefeita. Além disso, há uma reflexão em torno das possibilidades de desenvolvimento da cidade, porém condicionadas a mais investimento e mais interesse tanto dos/as cidadãos/ãs quanto dos/as governantes. Caso essas condições não se efetivem, o estudante-autor é categórico ao afirmar que “*a Metrópole do Futuro se tornará um grande fracasso*”.

A partir dessa análise, fica evidente que o principal referente do texto 1 é uma questão polêmica em torno de Mossoró ser ou não uma metrópole do futuro. Em contraste com a escolha do adjetivo *certo* – que denota positividade, avanço, boa medida, boa

condução – para o *caminho* que a cidade está seguindo, utilizado pela prefeita, o estudante-autor, para sustentar a sua argumentação, além de especificar os elementos que compõem o caminho (educação, saúde, infraestrutura, segurança), utiliza uma série de formas nominais relacionadas a um léxico pouco promissor, muito *duvidoso*, em relação ao desenvolvimento da cidade de Mossoró – “*uma grande parcela desses habitantes sofre com a falta de recursos na área de infraestrutura”; “esses serviços não são bem aceitáveis”; “a escassa mão de obra qualificada”; “a educação é menos priorizada”; “a verba liberada para empregar na “Qualificação para o Trabalho e Emprego” não passou de míseros R\$ 58.813,87”; “há falta de interesse de nossos governantes”; “na área de ciência e tecnologia, que ainda é muito ausente”; “vergonhosa carência de atenção e investimento da administração do município”; “O policiamento está longe de ser pelo menos regular”; “a assistência aos habitantes parece ter parado no tempo”; “a Metrópole do Futuro se tornará um grande fracasso”. A escolha dessas expressões em detrimento de outras demonstra o modo como o estudante-autor olha e interpreta a sua realidade, mobilizando a argumentação ao longo do texto. Com essas opções linguísticas, ele cria uma trama textual oposta à manifestação da prefeita – utilizada como resposta afirmativa à questão polêmica.*

Juntamente à apresentação dessas necessidades discursivas, ao examinarmos a atitude comunicativa predominante no texto 1, é importante atentarmos para a organização linguístico-formal do referido texto. Logo, se considerarmos o esquema típico da sequência argumentativa [Figura 2], poderíamos pensar que *a tese anterior* é o fato de Mossoró ter sido considerada a “*Metrópole do Futuro*” pela revista *Veja*, informação que será contestada pelo estudante ao levantar os argumentos apresentados em uma série de macroproposições (*a1 até a7*). O estudante-autor ancora seu texto de opinião e, por isso, desenvolve uma boa atitude argumentativa, em uma questão polêmica explícita, elaborada a partir de uma percepção atenta do lugar onde vive e vinculada à revista *Veja*. A opção por esse recorte, por parte do autor, faz bastante sentido uma vez que compõe o que Adam (2019) denomina como *princípios de base*, ou seja, aqueles elementos implícitos que darão suporte à construção da argumentação.

Ou seja, a argumentação do estudante ganha certos contornos de acordo com as inferências que a audiência é capaz de fazer em relação ao trabalho da revista *Veja*. Leitores/as mais ingênuos/as podem acreditar – e, por isso, confiar na referida revista –, não considerando, assim, os argumentos levantados pelo estudante. Por outro lado, é

possível que os/as demais leitores/as, percebendo a revista *Veja* como um veículo alinhado ao espectro ideológico do pensamento reacionário da direita brasileira, atribuam à ideia de “*Metrópole do Futuro*” uma possível farsa ou mentira, relacionada a certos interesses de pessoas envolvidas com a política e/ou com empresas da cidade de Mossoró. Dessa forma, considerando a sequência argumentativa típica [Figura 2], os *princípios de base*, relacionados aos *argumentos* selecionados pelo autor, configuram a estratégia fundamental para contestar a *tese anterior* e, a partir dos argumentos refutadores – ou das restrições – encaminhar a *nova tese*, defendida pelo estudante-autor, marcando, em seu texto, uma atitude fortemente argumentativa.

O interessante é que o texto 1 poderia ter um caráter apenas *justificativo*, com uma estratégia argumentativa dominada somente por conhecimentos relatados. No entanto, as sequências argumentativas desse texto também comportam o nível *dialógico* ou *contra-argumentativo*, pois o estudante elabora seus argumentos a partir de restrições (*r*) que encaminharão uma conclusão contrária à proposição inicial – “(r) Antes de tudo, temos que ponderar (a’) fatores decisivos para que possamos afirmar, com clareza, que a cidade está preparada”. Aqui, a argumentação passa a ser negociada com um auditório real ou potencial – moradores/as de Mossoró e/ou a prefeita citada no texto e demais políticos da cidade, leitores/as da revista *Veja* etc. Dessa forma, a estratégia argumentativa visa a uma transformação de conhecimentos, alcançada na conclusão (*c*), sob a forma de uma *nova tese*, a macroproposição – “(c) Mossoró não está se preparando, nem mostrando preocupação em dar passos largos; na verdade, ela está engatinhando rumo ao futuro”. Inclusive, ao apresentar a conclusão, o estudante-autor utiliza algumas vezes o operador mas, com o intuito de opor sua nova tese à proposição inicial, ou *já dito*.

3.2 Quando as *explicações* de um *fato* configuram a necessidade discursiva de um texto

Quadro 2. Texto 2 – Finalista de 2014

Gêmeos: milagre, manipulação ou genética? <i>Aluna: Débora Wappler</i>	
1	<p>(a) O lugar onde eu moro é um município que conta com sete mil habitantes e (b) está localizado no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. (c) Cândido Godói é uma cidade conhecida como a capital mundial dos gêmeos, (d) o que gerou várias polêmicas, reportagens e estudos. (e) O fenômeno de nascimentos de gêmeos não está em Cândido Godói como um todo, (f) mas concentra-se mais na Linha São Pedro, uma pequena comunidade do interior, distante 4 quilômetros da cidade. (g) Em uma área de pouco menos de 6 quilômetros quadrados vivem cerca de 80 famílias e há gêmeos em pelo menos 38 delas, (h) embora a maioria já tenha deixado a pequena cidade. (i) No município todo se estima existirem 68 casais de gêmeos.</p>
2	<p>(j) Por causa desse fato, o município ganhou atenção do mundo inteiro. E a maioria buscava uma “explicação” para esse fenômeno. (k) A primeira suposição é baseada numa lenda, gravada em um monumento na praça pública da cidade, que diz que um trabalhador desejava ter um filho e pediu fortemente em oração para Deus. As suas lágrimas de fervor se misturaram com a água da chuva naquele instante, que correu para um rio dessa comunidade. Então, o trabalhador teve seu desejo realizado por Deus, tendo gerado um par de gêmeos. Diante disso, todo aquele que tomasse daquela água, no caso milagrosa, teria a dádiva de gerar gêmeos.</p>
3	<p>(l) Entretanto, surgiu uma explicação científica. Associou-se a alta taxa de nascimentos de gêmeos com supostas experiências conduzidas pelo médico alemão de Hitler, Josef Mengele, que teria passado por Cândido Godói em 1963. Na maioria dos casos, as crianças nascem loiras e de olhos azuis, modelo considerado ideal por Hitler.</p>
4	<p>Creio que esse argumento não é suficientemente convincente. Com toda tecnologia existente hoje, não se consegue uma manipulação genética desse tipo; naquela época então as possibilidades seriam inexistentes. E muitas pessoas que viveram aqui antes e durante essa época nunca viram ou ouviram falar desse homem. Sendo uma cidade pequena, onde a maioria se conhece, algo teria sido comentado. Mas até hoje absolutamente nada.</p>
5	<p>(m) Outra conjectura é que a maioria é descendente de alemães; então, as crianças tendem a nascer loiras e de olhos claros, uma decorrência de suas origens e genética.</p>
6	<p>(n) Enfim, depois de muitos comentários e opiniões, foi divulgado um estudo feito no município. Nem o médico nazista Josef Mengele, nem a suposta “água da fertilidade” e nem a mão de Deus teriam participação importante no fenômeno.</p>
7	<p>A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um hospital de clínicas ligado ao Instituto Nacional de Genética Populacional declararam seus seguintes resultados: o fator preponderante é a presença significativa da forma “C” de um gene da família p53 nas mães de gêmeos do município, que teria sido trazido pelos primeiros imigrantes, quase todos alemães, à região. Esse gene oferece maior “proteção” à gravidez, o que favorece a gestação de gêmeos. Na Linha São Pedro, sendo pequena e com poucos moradores, o impacto foi grande; afinal, as famílias foram gerando seus descendentes e estes se envolveram com outras famílias na mesma localidade.</p>

8	Também os fatores ambientais, como a boa qualidade da água, proporcionam gestações saudáveis para as mães. A pesquisa estudou 42 mães de gêmeos e 101 mães que tiveram gestação com um único filho. Creio que esse estudo avançado foi muito importante para melhorar a compreensão por parte de todos, até mesmo para formar minha opinião.
9	Porém, a mãe de um casal de gêmeos relatou que não tem nenhum gêmeo na família e foi só chegar à Linha São Pedro para trabalhar que em três meses ficou grávida de gêmeos. Então, o mistério parece que continua. Alguns já têm ideia formada, outros não sabem o que pensar e outros ainda aguardam novas pesquisas.
10	Só espero que ninguém se deixe levar por ilusões. Cândido Godói, uma cidade muito tranquila de se viver e amada por todos os habitantes, carrega com muita honra a fama de ser a capital mundial dos gêmeos. E eu me sinto feliz por poder conhecer essa história. (o) Portanto, ressalto a importância de lembrar que a genética e os fatores favoráveis são os únicos envolvidos neste lindo e interessante fenômeno. Professora: Cátia Regina Damer Escola: I. E. E. Cristo Redentor – Cândido Godói (RS)

Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9767/textos-finalistas-2014-completo.pdf>, com análise elaborada pela autora.

Ao lermos o título do texto 2 – “*Gêmeos: milagre, manipulação ou genética?*” –, não fica clara qual seria exatamente a *polêmica* em torno dos gêmeos. Como ele está estruturado em forma de pergunta, apontando três possibilidades – “*milagre, manipulação ou genética*” – mais parece que o texto apresentará aos/às leitores/as *explicações* para a incidência de gêmeos em uma determinada cidade – será que o fato de nascerem gêmeos já é, em si, uma polêmica?

No primeiro parágrafo, a estudante-autora apresenta o lugar onde vive e traz um fato – “*Cândido Godói é uma cidade conhecida como a capital mundial dos gêmeos*” – e, em seguida, afirma que esse fato “*gerou várias polêmicas, reportagens e estudos*”. Esse *fenômeno*, como a autora se refere, traz em si uma polêmica em potencial, mas que ainda precisa ser lapidada para se tornar, de fato, uma questão polêmica. Nesse sentido, para observar a atitude comunicativa predominante no texto 2, analisei algumas organizações linguístico-formais, a partir das quais destaquei a predominância da sequência explicativa, que começa a se configurar já no primeiro parágrafo, quando há uma descrição inicial, desempenhando a função de introdução da explicação – **(a)**, **(b)**, **(e)**, **(f)**, **(g)**, **(h)**, **(i)**.

Essa esquematização inicial destina-se a trazer detalhadamente o objeto problemático – “**(c)** *Cândido Godói é uma cidade conhecida como a capital mundial dos gêmeos*, **(d)** *o que gerou várias polêmicas, reportagens e estudos*” – que tematiza a

primeira macroproposição – “**(j)** *Por causa desse fato, o município ganhou atenção do mundo inteiro. E a maioria buscava uma “explicação” para esse fenômeno*”.

A macroproposição **(j)** carrega algumas informações que encaminham o questionamento ou o problema elaborado pela estudante-autora, apresentado na forma de um *fato*. Além disso, essa estrutura se inicia pela locução explicativa *por causa [de]*, mobilizando semanticamente o que Adam (2019) apresenta a partir do operador *por que*, compreendido como o elemento que deve introduzir a primeira macroproposição de uma sequência explicativa. Ou seja, se, nas palavras da estudante, o fenômeno chamou a atenção do mundo inteiro, caberia a busca por informações que *explicassem* tal ocorrência. Desse modo, a estudante leva o/a leitor/a a inferir a pergunta *Por que o nascimento de gêmeos em Cândido Godói gera polêmica?*, mobilizando, no segundo parágrafo, as possibilidades de resposta, que acabam por configurar a explicação propriamente dita.

Aqui surge nossa questão em relação à necessidade discursiva de um artigo de opinião no contexto da OLP, pois a equipe responsável pelas orientações da Olimpíada considera que a polêmica se instala quando pelo menos duas posições opostas sobre um aspecto do tema se confrontam. A partir do texto 2, por exemplo, poderíamos ter a seguinte pergunta: *a incidência de gêmeos em Cândido Godói tem relação com possíveis manipulações genéticas realizadas pelo médico nazista Josef Mengele? Sim ou não?* Ou seja, é possível afirmarmos que a questão polêmica deveria ser um recorte de um aspecto do problema. Se o problema é o nascimento incomum de gêmeos em Cândido Godói, é preciso levantar aspectos desse problema, selecionar um desses aspectos e confrontar posições contrastantes para, assim, estabelecer o *jogo argumentativo*.

Nesse texto 2, temos a apresentação de três aspectos do fenômeno – “*milagre, manipulação ou genética*” – sem um confronto entre as posições relacionadas a cada um deles em particular. Dessa forma, a ausência de uma clara formulação da questão polêmica traz consequências discursivas que acabam infringindo o princípio de aceitabilidade, visto que o/a leitor/a espera um jogo argumentativo que não se completa. Ao considerarmos os elementos tipológicos, é possível observar a predominância daqueles que caracterizam uma sequência explicativa em detrimento daqueles que encaminham a argumentativa, conforme pode ser visto desde a primeira suposição apresentada na macroproposição **(k)**, ainda no segundo parágrafo, a partir da qual vemos um apelo ao universo de lendas e superstições para explicar o incomum nascimento de

gêmeos na cidade de Cândido Godói. No terceiro parágrafo, a macroproposição **(l)** encaminha a segunda suposição, balizada por uma explicação científica que, ao ser introduzida pelo operador *entretanto*, marca a relação contrastante entre o universo das crendices, de um lado, e a ciência, de outro. No quinto parágrafo, a partir da macroproposição **(m)** temos outra conjectura explicativa do fato, também no âmbito científico, configurada como “*uma decorrência de suas origens e genética*”. Além disso, do sexto ao nono parágrafos, quando apresenta a macroproposição **(n)** – “*Enfim, depois de muitos comentários e opiniões, foi divulgado um estudo feito no município. Nem o médico nazista Josef Mengele, nem a suposta ‘água da fertilidade’ e nem a mão de Deus teriam participação importante no fenômeno*” –, a estudante-autora constrói estruturas semelhantes ao que Adam (2019) chama, em sua sequência explicativa prototípica, de *ratificação-avaliação*. Isso significa que a estudante, a partir do operador *enfim*, encaixa na sequência uma retomada, confirmando o que foi dito e apontando uma avaliação que projetará a conclusão efetiva, configurada na macroproposição **(o)**.

Outro conflito entre as organizações linguístico-formais e as necessidades discursivas esperadas em um artigo de opinião é o fato de a opinião da estudante-autora, apresentada no oitavo parágrafo, configurar-se muito mais como uma escolha de qual seria a melhor versão da história acerca do nascimento de gêmeos em sua cidade do que uma posição assumida perante a polêmica. Esse comportamento discursivo, inclusive, prejudica a seleção de argumentos que poderiam amparar a defesa da tese.

A estudante-autora traz outros elementos em sequências narrativas e descritivas que se relacionam, no desenvolvimento do texto, a cada um dos aspectos apresentados no título, porém eles não se configuram em argumentos, já que não sabemos qual é o posicionamento da autora. Aliás, no penúltimo parágrafo do texto, o que a estudante-autora vem tentando estabelecer como sua posição é completamente descartado ao narrar uma situação e, em seguida, afirmar o contrário, pois “*o mistério parece que continua*”. Ou seja, o texto trata o tema de uma forma muito ampla, não deixando claro o que a autora pretende defender.

No último parágrafo, a estudante-autora descreve a cidade como “*muito tranquila de se viver e amada por todos os habitantes*”, informações muito básicas e amplas que não têm função argumentativa no texto. Além disso, ela afirma “*me sinto feliz por poder conhecer essa história*”. Aqui, parece-me, está a intenção comunicativa dela: apresentar-nos algumas versões sobre a história dos nascimentos de gêmeos em Cândido Godói.

Uma história interessante, curiosa, fundamental para a identidade local. No entanto, há a necessidade de recortar um aspecto de toda essa história, elaborar a polêmica para, assim, analisar ou refletir sobre ela em um texto de opinião. Em uma tentativa de retomar sua posição, a autora encerra o texto com a macroproposição “**(o)** *Portanto, ressalto a importância de lembrar que a genética e os fatores favoráveis são os únicos envolvidos neste lindo e interessante fenômeno*”, deixando claro que essa é a sua ‘versão da história’, mas que não se efetiva, ao longo do texto, como um posicionamento singular perante uma polêmica.

A partir dessa análise global, é possível considerar que o texto 2, de acordo com o que Adam (2019) apresenta, configura-se como uma ampla sequência explicativa – com alguns elementos narrativos e outros descritivos –, elaborando uma imagem em torno da ideia do nascimento de gêmeos em Cândido Godói; respondendo a *por que* ou *como* esse fato gera controvérsias entre a população; e transformando uma convicção balizada por credences em uma visão do fenômeno pautada pelo conhecimento científico – cf. macroproposição **(o)**. Logo, é possível perceber que a estudante se aproxima daquilo que julga ser a sua explicação para os fatos, apesar de não realizar a apresentação de um posicionamento singular perante uma polêmica, entendido, no contexto da OLP, como a necessidade discursiva de um artigo de opinião. Nessa perspectiva, considerando as organizações linguístico-formais, o texto 2 se configura a partir de algumas macroproposições explicativas que pretendem um conjunto organizado com base em uma esquematização inicial **(a, b, e, f, g, h, i)**; um problema **(j)**; explicações **(k, l, m)**; e a ratificação-avaliação **(n, o)**.

Ainda é possível destacar que o referente do texto 2, ou seja, o assunto tratado ao longo do texto, é o *fato* de *Cândido Godói ser uma cidade conhecida como a capital mundial dos gêmeos*. Tal situação me leva a questionar a eficácia discursiva de um *fato* na condição de principal referente de um texto argumentativo e a antecipar que essa organização linguístico-formal trará implicações à elaboração e à manutenção do jogo argumentativo. A possível questão polêmica estaria em por que ocorre esse *fato*, esse *fenômeno*, que pode ser considerado “*milagre*”, “*manipulação*” ou “*genética*”, conforme a estudante-autora. Porém não há confronto entre essas possibilidades, pois elas são oferecidas ao/à leitor/a sem a devida problematização. Poderíamos ter, inclusive, um embate entre “*milagre*” e “*manipulação*”, encaminhado pela disputa entre referentes do campo religioso/supersticioso *versus* referentes do campo científico, mas não é isso que

se apresenta no texto. Há um estado de conhecimento transformado via explicação, mas não há a modificação de uma crença pelo encaminhamento de determinada tese. Como a autora se desviou do jogo de afirmar, negar, contestar, explicar, criticar, ironizar, dar exemplos, a argumentação não foi bem-sucedida e o/a leitor/a acaba se perdendo pelo caminho.

Considerações Finais

O emprego da noção de sequência textual de Jean-Michel Adam, na análise de dois artigos de opinião finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, mostrou que o trabalho com as sequências textuais pode ser útil para orientar os/as estudantes no modo como tramar seus textos. Inclusive, por considerar a explicitação da questão polêmica uma necessidade discursiva de um texto de opinião no contexto da OLP, penso que, quando Adam (2019) apresenta a ocorrência de uma tese anterior – representada em seu esquema pela macroproposição MP.arg.0 – como fundamental à evolução de uma sequência argumentativa, o autor está averiguando uma possibilidade de organização linguístico-formal para a produção escrita de um texto argumentativo.

A hipótese que levanto, nesse sentido, é de que seria produtivo nas atividades de produção escrita de artigos de opinião, especialmente em atividades de reescrita, considerarmos a questão polêmica equivalente à tese anterior do esquema proposto por Adam (2019). Logo, se entendemos a questão polêmica como a expressão máxima do ponto de vista do/a estudante-autor/a, temos que identificá-la no texto por considerá-la um elemento necessário à responsabilidade enunciativa, configurada, dessa forma, no plano do texto, seguindo um modo de organização do discurso que seria a sequência argumentativa, configurada na relação entre as macroproposições.

Ou seja, para que se amplie a compreensão do jogo argumentativo presente nos artigos de opinião, é interessante destacar que a formulação expressa da polêmica auxilia o/a estudante-autor/a na construção (e manutenção) do jogo argumentativo, tornando clara a intenção do texto (argumentar, convencer). Assim, explicitar a questão polêmica em um artigo de opinião da OLP pavimenta um caminho rumo aos propósitos comunicativos desse gênero discursivo, atendendo, inclusive, ao princípio de informatividade, quando dizemos tudo o que é necessário para levarmos nosso/a leitor/a a determinadas conclusões.

Se entendermos a questão polêmica como equivalente ao que Adam (2019) chama de tese anterior no esquema argumentativo, poderemos encaminhar um trabalho efetivo de produção, análise e reescrita de artigos de opinião, a ser realizado em sala de aula, que poderia considerar aspectos referentes 1) ao domínio do esquema argumentativo pelos/as estudantes; 2) à relevância desse esquema para leitura e produção de textos argumentativos; e 3) ao uso de mecanismos de coesão e coerência próprios da sequência argumentativa. Esses movimentos poderiam encaminhar propostas de procedimentos em educação linguística que focalizassem o projeto de dizer de textos argumentativos, encorajando, inclusive, a voz desses/as estudantes – elemento fundamental quando se pretende que o/a estudante passe de reprodutor/a a autor/a de seus textos, provocando em seus/as interlocutores/as um exercício de decifração desses textos que, por revelar particularidades, por si só, já chamariam a atenção⁴.

Referências

ADAM, J-M. *Textos: tipos e protótipos*. São Paulo: Contexto, 2019.

ADAM, J-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. *Base nacional comum curricular*. MEC/SEB, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 24/04/2021.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa/SEF*. Brasília, DF, 1998.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GARCIA, A. L. M. Artigo de Opinião na Olimpíada – Edição 2010. Retratos da mostra: os dois lados da moeda. In: RANGEL, E. de O. (Org.). *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: o que nos dizem os textos dos alunos?* São Paulo: Cenpec – Fundação Itaú Social, 2011.

⁴ Refiro-me, aqui, às observações apresentadas pela jornalista – e integrante da comissão julgadora da OLP/Edição 2012 – Eliane Brum, em sua fala *Ecos das Cidades na Voz dos Jovens*. Disponível em: <https://www.escrevendofuturo.org.br/percursos#/contribuicoesteoricas/escrita/producao-de-texto/2057/ecos-das-cidades-na-voz-dos-jovens>. Acesso em: 22/04/2021.

RANGEL, E. de O.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. *Pontos de Vista* – Caderno do Professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec – Coleção da Olimpíada, 2014.

TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.